

MUDANÇAS NA ESTRUTURA PRODUTORA E EXPORTADORA DE BANANA NO BRASIL, 1990-2003¹

Luís Henrique Perez²

1 - INTRODUÇÃO

“A banana é uma fruta tropical cultivada nas regiões quentes do mundo, onde é produzida durante quase o ano todo. No comércio mundial, a banana é a fruta de maior volume transacionado por ser consumida também nas regiões frias e temperadas, adquirindo, por isso, papel relevante nas trocas internacionais” (Champion, 1963 apud GONÇALVES; PEREZ; SOUZA, 1994).

Em 2002, de acordo com dados da FAO, a produção mundial de banana (não incluído plátano) foi de 68,7 milhões de toneladas, tendo como principais produtores: Índia (16,45 milhões de toneladas), Brasil (6,5 milhões), China (5,8 milhões), Equador (5,5 milhões) e Filipinas (5,3 milhões). As transações internacionais da fruta atingiram 14,7 milhões de toneladas, exportações estas lideradas pelo Equador (4,3 milhões), Costa Rica (1,9 milhão), Filipinas (1,7 milhão), Colômbia (1,4 milhão) e Guatemala (980 mil toneladas). O Brasil, em ano recorde, aparece em 11º lugar, com 241 mil toneladas.

“A perecibilidade do fruto, por elevada sensibilidade a choques físicos e rápida maturação, conferiu uma característica de 'comércio de vizinhança' a essas transações, com os Estados Unidos se convertendo no principal comprador dos produtos centro-americano e caribenho, o que explica também a presença marcante de empresas estadunidenses na produção e no comércio da fruta nessa região. Do mesmo modo, o mercado europeu tem participação importante do produto africano, originário das colônias européias nesse continente, e o mercado platino é abastecido pela fruta brasileira. O surgimento do moderno transporte em navios dotados de câmaras frigoríficas não rompeu totalmente com as relações comerciais calcadas no 'comércio de vizi-

nhança' que, entremeado de antigas vinculações coloniais, conferiu características geopolíticas importantes para o entendimento do mercado mundial de bananas” (Champion, 1963 apud GONÇALVES; PEREZ; SOUZA, 1994).

Durante muitos anos o Estado de São Paulo foi responsável por praticamente toda exportação brasileira de banana, predominantemente produzida no Vale do Ribeira e enviada para Argentina e Uruguai, por via rodoviária. A partir de 1996, outros estados brasileiros passam a exportar a fruta em volumes crescentes, reduzindo a participação paulista para menos de 20%, em 1999 (PEREZ, 2000).

A implantação de pomares produtivos e economicamente eficientes em Santa Catarina, na década de 1980, gerou os ingredientes para significativa mudança na cadeia da banana, o que, associado à crise econômica na Argentina e seus reflexos no Uruguai, configura um novo quadro no “comércio de vizinhança” da fruta.

“A banana constitui-se, portanto, num produto estratégico para inúmeros países centro-americanos e caribenhos, bem como para o Equador na América do Sul. A constituição de estruturas exportadoras desenvolvidas permitiu a esses países conquistar uma presença no mercado mundial proporcionalmente bastante superior à de sua produção, suplantando nesse processo países com volumes físicos de oferta consideravelmente mais expressivos, como o Brasil. A Colômbia e o México ganham expressão no mercado bananeiro mundial, confirmando estruturas produtivas e comerciais também competitivas internacionalmente. A base de sustentação econômica para a competitividade da exportação de bananas centro-americana e equatoriana está associada à presença nessas regiões de grandes empresas que engendraram um predomínio nesse segmento de mercado, numa configuração supranacional” (GONÇALVES; PEREZ; SOUZA, 1994).

A presença da multinacional Del Monte Fresh Producer Brasil Ltda, produzindo banana irrigada no Vale do Açu, Rio Grande do Norte, desde 1998, e a exportação para a Europa,

¹Este trabalho faz parte da pesquisa NRP1295, cadastrada no Sistema de Informações Gerenciais dos Agronegócios (SIGA).

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

por meio de frota própria de navios, trouxeram mudanças radicais ao cenário nacional, introduzindo aqui as variáveis exógenas que proporcionaram ao Equador, Costa Rica e outros países latino-americanos relevante papel no comércio mundial da banana.

Este trabalho pretende analisar o que ocorreu no período 1990 a 2003, que alterou completamente o quadro tradicional da estrutura produtora-exportadora de banana brasileira, destacando o que diz respeito ao “comércio de vizinhança”, representado pelo MERCOSUL, principalmente o mercado platino.

2 - METODOLOGIA

2.1 - Comércio Exterior Brasileiro

Metodologia de produção estatística de comércio exterior adotada pelo Brasil - Conceitos e Definições:

País de destino (exportação) - Para efeito de divulgação estatística de exportação, é aquele conhecido no momento do despacho como o último país ao qual os bens serão entregues.

Estado produtor (Unidade da Federação exportadora) - Para efeito de divulgação estatística de exportação, é na Unidade da Federação que foram cultivados os produtos agrícolas, extraídos os minerais ou fabricados os bens manufaturados, total ou parcialmente. Neste último caso, o estado produtor é aquele no qual foi completada a última fase do processo de fabricação para que o produto adote sua forma final.

Via de transporte - Na exportação, modalidade utilizada para o transporte da mercadoria a partir do último local de embarque para o exterior. Na importação, configura-se através do meio de acesso da mercadoria ao primeiro local de entrada no território nacional. De acordo com o estabelecido no âmbito dos países do MERCOSUL, o Brasil adota as seguintes modalidades de transporte: marítima, fluvial, lacustre, aérea, postal, ferroviária, rodoviária, tubo-conduto e meios próprios (MINISTÉRIO, 1990-2003).

Variáveis:

a) exportação de bananas frescas ou secas em US\$FOB (convertido para US\$1.000) e em kg líquido (convertido para tonelada), por UF (Unidade da Federação) e Brasil, de 1999 a 2003;

b) exportação de bananas frescas ou secas em US\$FOB (convertido para US\$1.000) e em kg líquido (convertido para tonelada), por Unidade da Federação (UF) e Brasil, por país de destino, 2001 e 2003;

c) exportação brasileiras de bananas frescas ou secas em US\$FOB e em kg líquido, por porto, 2001 e 2003 (MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO E INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 1990-2003).

2.2 - Comércio Exterior de Outros Países

Utilizaram-se séries de dados de importações de banana pelos países do MERCOSUL, em toneladas e em milhares de dólares, de 1990 a 2003, obtidas no site da FAO (órgão das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) (FAO, 2004).

Também, foram utilizadas séries de dados de exportação de banana do Equador para os países do MERCOSUL, de 1996 a 2003, constituídas por quantidades em toneladas e valores em milhares de dólares, elaboradas a partir de dados do Banco Central del Ecuador, disponibilizados por Servicio de Información Agropecuaria del Ministerio de Agricultura y Ganaderia del Ecuador (SICA/MAG) (SICA, 2004).

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de décadas em que o Estado de São Paulo foi responsável por praticamente toda exportação brasileira de banana, predominantemente produzida no Vale do Ribeira e enviada para Argentina e Uruguai, por via rodoviária, outros estados brasileiros passaram a exportar a fruta, em valores crescentes, reduzindo a participação paulista para 10,8%, em 2000. A brusca mudança começa em 1995, caracterizado pelo menor valor (menos de 4 milhões de dólares), menor quantidade (pouco mais de 12 mil toneladas) e maior preço (US\$312,8/t) da banana exportada por São Paulo. Em 1994, a redução do processo inflacionário promoveu o aumento do poder de compra dos consumidores, o que, por sua vez, aqueceu a demanda por produtos de maior elasticidade-renda, como as frutas. Em contrapartida à maior procura, no início de 1995, fortes chuvas que inundaram o Vale do Ribeira, provocaram elevadas perdas na safra de

banana e reduziram sua oferta no mercado. Com isso, o preço do produto elevou-se fortemente, ultrapassando a barreira dos US\$300 por tonelada e reduzindo drasticamente as compras argentinas e uruguaias (PEREZ, 2001a).

A recuperação das transações internacionais ocorreu não mais com São Paulo, mas com empresas sediadas em outros estados brasileiros, que, em apenas cinco anos, passaram a responder por 89,2% do valor das exportações brasileiras.

Ao longo dos anos 90s, várias regiões brasileiras criaram e expandiram pólos bananicultores, tendo sido destacados pela imprensa os Estados de Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. O estado sulista apresenta a grande vantagem de estar mais próximo dos compradores uruguaios e argentinos, enquanto o estado nordestino está mais próximo do mercado europeu e conta com maior apoio logístico para a remessa marítima da fruta (além disso, a empresa Del Monte, terceira maior multinacional na fruticultura, dispõe de frota própria de mais de 50 navios, confirmando que a presença de grandes empresas transnacionais é fundamental para a inserção de uma região produtora no mercado internacional).

Em 1999, metade dos 12,5 milhões de dólares de banana exportados pelo Brasil teve origem em empresas sediadas em Santa Catarina. Enquanto isso, São Paulo, com menos de 20% do total, caiu para terceiro lugar, sendo superado também pelo Rio Grande do Norte, com 21% .

Em 2000, o Rio Grande do Norte assume a hegemonia da exportação, com 44,8% de seu valor, seguido por Santa Catarina (34,6%) e São Paulo (10,8%).

O destino da banana brasileira continuou sendo, principalmente, Argentina e Uruguai, mas observa-se um início de diversificação, com Santa Catarina enviando pequenas quantidades para Alemanha, Chile, Espanha, Estados Unidos, Países Baixos e Reino Unido e o Rio Grande do Norte enviando volumes um pouco mais significativos para Bélgica, Países Baixos e Reino Unido. A desvalorização cambial, ocorrida no início de 1999, tornou mais competitivo o produto brasileiro, acelerando o aumento e a diversificação das exportações (PEREZ, 2001).

A quantidade de banana exportada pelo Brasil, em 2001, ultrapassou 105 mil toneladas,

sendo 46% superior às 71,8 mil toneladas de 2000. Desde 1985 que a exportação desta fruta não atingia este patamar. Aparentemente a desvalorização do real aumentou a competitividade da banana brasileira, no mercado argentino, diante do produto equatoriano (maior exportador mundial), permitindo a remessa de 60,9 mil toneladas em 2001, contra 35,0 mil em 2000 (PEREZ, 1993).

O valor da banana colocada no mercado internacional variou em menor proporção, passando de 12,3 milhões de dólares, em 2000, para 16,0 milhões em 2001. O preço médio por tonelada caiu de US\$172 para US\$153.

O segundo maior comprador do produto brasileiro é o Uruguai, com uma quantidade de 27,3 mil toneladas em 2001, superior às 23,3 mil toneladas de 2000, mas inferior às 27,7 mil toneladas de 1999. Nesse caso, o preço por tonelada caiu mais acentuadamente, atingindo US\$119 (PEREZ, 2001b).

As exportações brasileiras de banana atingiram, em 2002, um recorde histórico, ultrapassando a barreira das 200 mil toneladas - o que não acontecia desde 1970 - e dos 30 milhões de dólares, que ocorreu pela última vez em 1975. Das 241 mil toneladas exportadas nesse ano, 163 mil destinaram-se à Argentina, representando 18 milhões de dólares no total de 33,6 milhões e correspondendo ao preço médio de 111 dólares por tonelada. Fica evidente que a reconquista do mercado argentino se deu às custas de acentuada redução de preços (Tabela 1).

Em 2003, ocorreu um movimento de refluxo no processo de recuperação do mercado platino. As exportações brasileiras da fruta atingiram 220,8 mil toneladas no total (redução de cerca de 20 mil toneladas, em relação ao ano anterior), sendo que a parcela destinada à Argentina alcançou 129,7 mil toneladas (queda de cerca de 34 mil toneladas). O aumento das compras italianas compensou parte da perda do mercado portenho. Em valores, essa perda foi mais acentuada, pois o preço aviltou-se mais ainda, caindo para US\$90/tonelada nas remessas para a Argentina e US\$93/tonelada na banana comprada pelo Uruguai. O alto preço alcançado pelo produto enviado pela Del Monte (Rio Grande do Norte) ao mercado europeu reduziu o impacto negativo da retração do comércio no MERCOSUL. Observa-se que a presença de uma forte marca multinacional permite a exportação direta da fruta para mercados importantes,

TABELA 1 - Exportações Brasileiras de Banana por País, 1999 a 2003

País	Valor (US\$1.000)				
	1999	2000	2001	2002	2003
Alemanha	42,87	10,13	16,61	19,11	839,83
Argentina	6.758,35	5.489,27	7.953,80	18.036,32	11.698,95
Bélgica	0,00	185,21	0,00	43,56	84,02
Chile	7,84	11,48	10,20	21,60	7,87
Espanha	86,66	33,86	0,00	0,00	0,16
Estados Unidos	7,31	4,39	29,01	18,37	16,43
Itália	546,80	0,00	0,00	2.216,78	6.053,21
Países Baixos	149,99	779,85	241,53	46,22	3,55
Reino Unido	854,91	2.646,74	4.526,47	9.213,87	7.488,96
Uruguai	4.061,84	3.183,17	3.241,86	3.931,23	3.747,39
Outros	1,44	15,02	16,79	26,90	72,95
Total	12.518,01	12.359,12	16.036,28	33.573,95	30.013,32

País	Volume (t)				
	1999	2000	2001	2002	2003
Alemanha	113,25	3,54	7,00	2,39	3.073,27
Argentina	47.913,84	35.005,09	60.942,95	163.088,02	129.678,94
Bélgica	0,00	732,10	0,00	17,71	33,77
Chile	1,96	2,90	2,58	130,76	67,37
Espanha	23,04	9,00	0,00	0,00	0,86
Estados Unidos	2,21	1,35	5,60	6,60	4,60
Itália	2.063,44	0,00	0,00	8.218,08	21.857,15
Países Baixos	512,65	2.891,78	800,76	15,75	19,20
Reino Unido	2.830,14	9.846,33	15.972,23	30.093,52	25.897,13
Uruguai	27.765,64	23.317,19	27.277,66	39.452,22	40.095,47
Outros	0,41	3,12	102,88	13,11	43,06
Total	81.226,56	71.812,39	105.111,66	241.038,16	220.770,82

País	Preço em US\$/t (FOB)				
	1999	2000	2001	2002	2003
Alemanha	379	2.865	2.373	7.999	273
Argentina	141	157	131	111	90
Bélgica	...	253	...	2.459	2.488
Chile	4.000	3.966	3.953	165	117
Espanha	3.761	3.762
Estados Unidos	3.316	3.250	5.182	2.783	3.572
Itália	265	270	277
Países Baixos	293	270	302	2.934	185
Reino Unido	302	269	283	306	289
Uruguai	146	137	119	100	93
Outros	3.512	4.813	163	2.052	1.694
Total	154	172	153	139	136

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (SECEX).

escapando da intermediação da Holanda, muito comum em outros produtos brasileiros. Mantida essa nova tendência, 2004 deverá ser marcado pela predominância das exportações para a Europa sobre o tradicional “comércio de vizinhança”, representado pelo MERCOSUL (Tabela 1 e Figura 1).

No triênio 1990-92, o Brasil respondeu por uma fatia que variou entre 31,5% e 51,8% das importações argentinas de banana. A partir de 1993 essa participação sofreu queda drástica, chegando a praticamente zero em 1995. Quase ao mesmo tempo, a participação da banana nacional nas importações uruguaias, que variava entre 84% e 100%, na primeira metade da década de 1990, cai para cerca de 20% em 1996. O produto equatoriano desloca o brasileiro, então originário do Vale do Ribeira, Estado de São Paulo. A entrada das firmas catarinenses, praticando preços gradualmente decrescentes (variação de US\$312,75/tonelada em 1995 para US\$152,56/tonelada em 2001), recupera parcialmente a representação da fruta brasileira no mercado portenho (em um patamar entre 8% e 18%) e no uruguaio (variando entre 20% e 55%). A participação paulista no comércio externo da banana caiu de 96%, em 1995, para 57%, em 1996, e seguiu reduzindo-se até atingir menos de 3% do valor total em 2002. Nesse ano, a profunda crise Argentina e a forte desvalorização cambial no Brasil provocaram mudanças significativas: enquanto as exportações equatorianas para a Argentina caíram de 236,6 mil toneladas para 39,4 mil toneladas, as brasileiras aumentaram de 60,9 para 163,0 mil toneladas, representando participação relativa recorde de 72,0%. A recuperação do mercado uruguaio começou mais cedo, já em 1998, a fruta brasileira havia voltado a ser hegemônica (acima de 50%) e, em 2002, quando as exportações do Equador para aquele país caíram para pouco mais de duas mil toneladas, a presença brasileira ultrapassou os 83% (Tabela 2).

A brusca queda na renda dos argentinos alterou seus hábitos de consumo. *“Dados divulgados pelo Indec, o instituto nacional de estatísticas, mostram que quatro de cada dez argentinos estão hoje abaixo da linha de pobreza. Nesse ritmo, 60% dos argentinos poderão estar na condição de pobres até o fim do ano. Só nos últimos seis meses esse contingente engrossou com a chegada de meio milhão de novos pobres. São pessoas que até agora eram pertencentes à classe média, mas tiveram seus rendimentos cor-*

roídos pela inflação, pelo desemprego e pelo bloqueio das contas bancárias. Descer abaixo da linha de pobreza significa que não têm renda para cobrir os gastos com a cesta básica e os serviços considerados essenciais, como vestuário, transporte, educação e saúde. Cerca de 250.000 argentinos despencaram ainda mais fundo e são oficialmente indigentes. A definição se aplica àqueles cuja renda mensal não é suficiente sequer para a compra da cesta básica de alimentos e produtos de higiene. Entre outubro e abril, o custo dessa cesta aumentou 33% na Grande Buenos Aires, onde vivem 10 milhões dos 37 milhões de argentinos. Para onde se olhe, a situação é desapontadora. Em abril, as vendas nos supermercados sofreram redução de 31% e a produção industrial caiu 14%, em relação ao mesmo mês de 2001” (SALGADO, 2002). A redução no poder de compra levou os argentinos a buscarem preços menores, mesmo em detrimento da qualidade. Por outro lado, a desvalorização do real permitiu que os produtores catarinenses exportassem grande volume de banana a preços menores. Essa conjunção de fatores explica a rápida e acentuada mudança no comércio da banana, no âmbito do MERCOSUL. A recuperação da economia argentina e do valor da moeda brasileira, em 2003, indicam que esse quadro começou a sofrer nova reversão.

As exportações de banana do Equador, líder mundial na comercialização do produto, para Argentina, Chile e Uruguai, apresentaram comportamentos distintos, no período 1996 a 2003. O comércio entre equatorianos e chilenos mostrou estabilidade nas quantidades, que variaram entre 167 mil toneladas e 194,7 mil toneladas, acompanhada de redução gradativa dos valores transacionados, como consequência da redução de preços, que atingiram o máximo de US\$229,21/tonelada em 1997 e um mínimo de US\$142,02/tonelada em 2003. Já o mercado argentino refletiu a profunda crise interna, com grande queda nas quantidades e nos valores importados em 2002 (queda de um patamar superior a 200 mil toneladas para menos de 40 mil toneladas e de um patamar de cerca de 45 milhões de dólares para 7 milhões) e significativa recuperação em 2003 (108,8 mil toneladas e 15,5 milhões de dólares), mas a preços bem menores. Finalmente, o mercado uruguaio, que sofreu mais os efeitos indiretos da crise argentina, reagiu diferente, optando pela banana brasileira, ofertada a preços

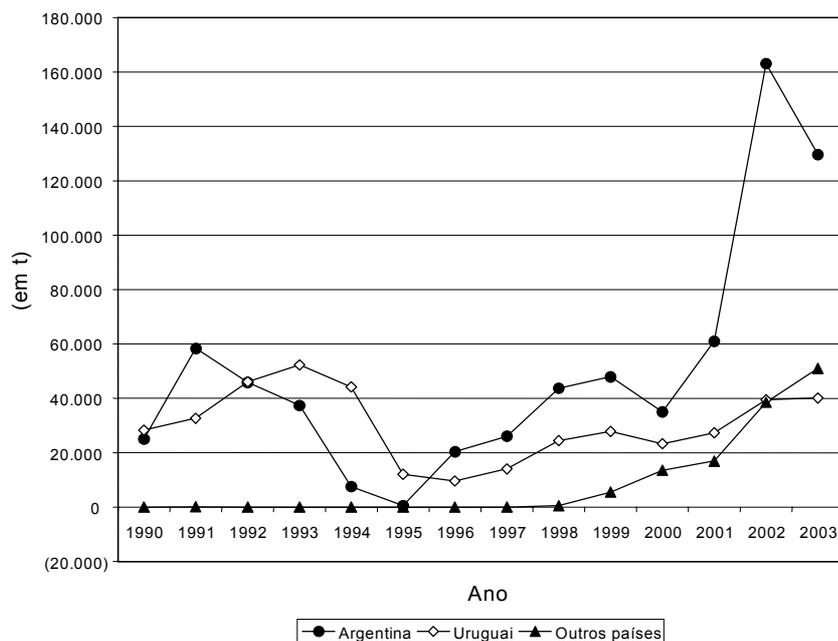


Figura 1 - Exportações Brasileiras de Banana, 1990 a 2003.
Fonte: Elaborada pelo autor com dados originais da SECEX.

TABELA 2 - Principais Exportadores de Banana para Argentina e Uruguai, 1990-2002
(em t)

Ano	Argentina					Uruguai				
	Total	Equador	Outros	Brasi	Brasil (%)	Total	Equador	Outros	Brasil	Brasil (%)
1990	73.051	...	48.077	24.974	34,2	30.823	...	2.585	28.238	91,6
1991	112.799	...	54.392	58.407	51,8	38.613	...	5.926	32.687	84,7
1992	145.388	...	99.531	45.857	31,5	54.886	...	8.769	46.117	84,0
1993	214.689	...	177.297	37.392	17,4	48.701	...	(3.552)	52.253	107,3
1994	243.815	...	236.273	7.542	3,1	47.760	...	3.510	44.250	92,7
1995	201.864	...	201.364	500	0,2	35.470	...	23.477	11.993	33,8
1996	248.376	221.669	6.389	20.318	8,2	47.285	36.091	1.573	9.621	20,3
1997	251.856	210.262	15.578	26.016	10,3	45.900	33.077	(1.197)	14.020	30,5
1998	242.972	201.751	(2.479)	43.700	18,0	44.729	21.295	(993)	24.427	54,6
1999	293.854	189.028	56.912	47.914	16,3	49.933	18.309	3.858	27.766	55,6
2000	339.963	263.521	41.437	35.005	10,3	46.781	18.041	5.423	23.317	49,8
2001	330.072	236.622	32.507	60.943	18,5	49.539	16.752	5.509	27.278	55,1
2002	226.546	39.386	24.072	163.088	72,0	47.479	2.463	5.564	39.452	83,1

Fonte: Elaborada pelo IEA com dados de MINISTÉRIO, FAO e SICA.

bem mais baixos que os equatorianos. Percebe-se que a disputa provocou a acentuada redução dos preços, beneficiando inclusive o Chile, mercado cujo acesso rodoviário (através dos Andes) não proporciona as mesmas facilidades de entrada da fruta brasileira (Tabela 3 e Figura 2).

Ao longo do período analisado, ou seja, de 1990 a 2003, a participação regional nas ex-

portações brasileiras de banana vai alterando-se rapidamente. Entre 1996 e 2001, empresas catarinenses deslocaram as paulistas no atendimento ao MERCOSUL e tornaram-se hegemônicas em termos nacionais. Em toneladas, elas representaram 57,00% em 1999, 44,69% em 2000 e 52,86% em 2001. Ao mesmo tempo a participação paulista caiu, respectivamente, de 19,94%,

TABELA 3 - Exportações de Banana do Equador para País do MERCOSUL, 1996-2003

Ano	Valor (US\$1.000)			Quantidade (em t)			Preços (US\$/t)		
	Argentina	Chile	Uruguai	Argentina	Chile	Uruguai	Argentina	Chile	Uruguai
1996	47.206	36.894	7.604	221.669	176.105	36.091	212,96	209,50	210,69
1997	47.363	39.674	7.390	210.262	173.087	33.077	225,26	229,21	223,42
1998	45.568	39.363	4.854	201.751	175.716	21.295	225,86	224,01	227,94
1999	41.318	37.117	4.116	189.028	194.683	18.309	218,58	190,65	224,81
2000	47.475	32.045	3.233	263.521	191.813	18.041	180,16	167,06	179,20
2001	44.534	30.701	3.265	236.622	173.643	16.752	188,21	176,81	194,90
2002	6.930	28.922	431	39.386	167.423	2.463	175,95	172,75	174,99
2003	15.502	25.131	24	108.806	176.958	166	142,47	142,02	144,58

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados do Banco Central del Ecuador, disponibilizados por Servicio de Información Agropecuaria del Ministerio de Agricultura y Ganadería del Ecuador (SICA/MAG).

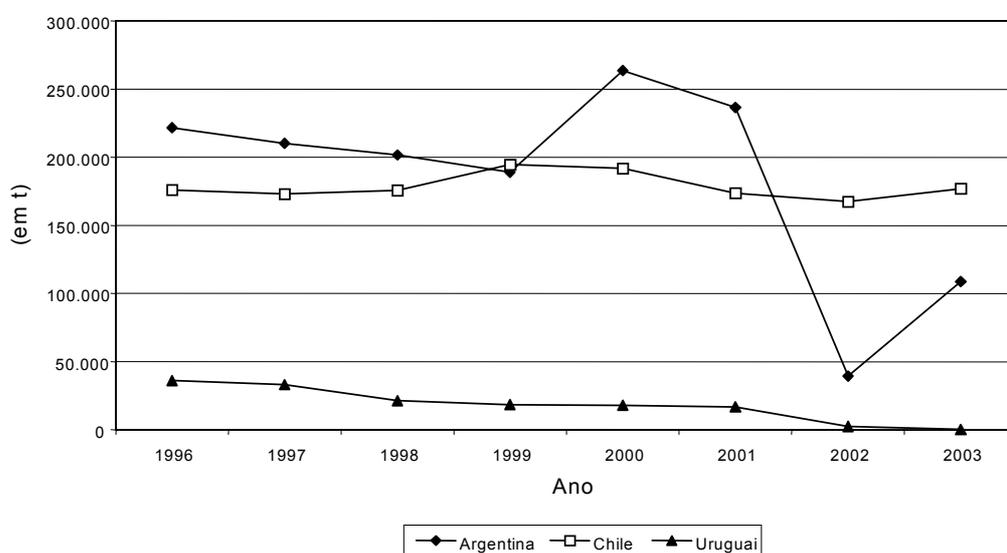


Figura 2 - Exportações de Banana do Equador para o MERCOSUL e Chile, 1996-2003.

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados originais do SICA.

para 12,17% e para 9,22%, enquanto o papel das exportações do Rio Grande do Norte evoluiu de 12,19%, para 31,22% e para 26,95% (PEREZ, 2001a 2001b). Em 2002, o papel relativo das exportações catarinenses atinge o máximo de 67,51%, levando São Paulo ao mínimo de 3,95% e o Rio Grande do Norte a 22,85% das 241 mil toneladas da fruta enviadas ao exterior. Em 2003, o quadro começa a mudar e a indicar novas tendências. Pela primeira vez o produto catarinense sofre retração nas vendas aos países do MERCOSUL, caindo para 58,45% da quantidade total e 39,96% do valor, enquanto as exportações para a Europa (principalmente Itália) crescem significativamente, colocando o estado nordestino com a representação de quase metade (49,18%)

do valor do comércio exterior brasileiro de banana. Também, pela primeira vez, a participação paulista recupera terreno, basicamente retomando parte do mercado uruguaio dos catarinenses (Tabela 4).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças na estrutura brasileira de produção de banana, no período 1990 a 2003, alteraram todo o panorama de representatividade dos estados. O surgimento de pólos de produção em Santa Catarina e em áreas irrigadas do Nordeste afetou drasticamente a hegemonia paulista prevalecente e também acentuou e consolidou a

TABELA 4 - Exportações Brasileiras de Banana, por Unidade da Federação e País, 2002 e 2003

País	2002 (US\$1.000)							Brasil
	Rio Grande do Norte	Santa Catarina	São Paulo	Paraná	Rio Grande do Sul	Minas Gerais	Outros	
Alemanha	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	19,11	19,11
Argentina	2.377,03	14.469,03	78,11	157,69	168,25	431,81	354,41	18.036,32
Itália	2.216,78	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2.216,78
Reino Unido	8.854,50	34,81	1,06	0,00	0,00	0,00	323,50	9.213,87
Uruguai	224,83	2.575,96	916,62	10,85	131,21	0,00	71,77	3.931,23
Outros	0,00	75,21	1,89	70,49	0,00	0,00	9,06	156,65
Total	13.673,14	17.155,01	997,67	239,02	299,46	431,81	777,85	33.573,96
% do Brasil	40,73	51,10	2,97	0,71	0,89	1,29	2,32	100,00
País	2002 (em t)							Brasil
	Rio Grande do Norte	Santa Catarina	São Paulo	Paraná	Rio Grande do Sul	Minas Gerais	Outros	
Alemanha	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,39	2,39
Argentina	16.779,16	135.186,46	597,41	1.326,48	1.952,68	3.730,21	3.515,63	163.088,02
Itália	8.218,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	8.218,08
Reino Unido	28.968,35	9,15	0,32	0,00	0,00	0,00	1.115,69	30.093,52
Uruguai	1.109,96	27.374,06	8.912,83	102,64	1.138,72	0,00	814,00	39.452,22
Outros	0,00	146,78	0,73	31,56	0,00	0,00	4,86	183,93
Total	55.075,55	162.716,45	9.511,29	1.460,68	3.091,40	3.730,21	5.452,57	241.038,16
% do Brasil	22,85	67,51	3,95	0,61	1,28	1,55	2,26	100,00
País	2003 (US\$1.000)							Brasil
	Rio Grande do Norte	Santa Catarina	São Paulo	Paraná	Rio Grande do Sul	Minas Gerais	Outros	
Alemanha	823,38	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	16,45	839,83
Argentina	869,23	9.748,44	52,27	45,64	391,55	405,47	186,35	11.698,95
Itália	6.053,21	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	6.053,21
Reino Unido	6.948,20	512,77	0,00	0,00	0,00	0,00	28,00	7.488,96
Uruguai	58,19	1.656,06	1.594,47	14,76	225,67	0,00	198,25	3.747,39
Outros	7,59	74,86	2,77	86,69	0,00	0,00	13,08	184,98
Total	14.759,78	11.992,13	1.649,51	147,09	617,22	405,47	442,12	30.013,32
% do Brasil	49,18	39,96	5,50	0,49	2,06	1,35	1,47	100,00
País	2003 (em t)							Brasil
	Rio Grande do Norte	Santa Catarina	São Paulo	Paraná	Rio Grande do Sul	Minas Gerais	Outros	
Alemanha	3.049,36	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	23,91	3.073,27
Argentina	6.679,89	110.794,58	487,60	513,35	4.805,25	4.113,63	2.284,64	129.678,94
Itália	21.857,15	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	21.857,15
Reino Unido	25.747,01	95,56	0,00	0,00	0,00	0,00	54,56	25.897,13
Uruguai	297,60	18.075,02	15.794,56	154,87	3.853,41	0,00	1.920,01	40.095,47
Outros	42,20	68,50	0,89	55,72	0,00	0,00	1,55	168,86
Total	57.673,22	129.033,66	16.283,05	723,94	8.658,66	4.113,63	4.284,67	220.770,82
% do Brasil	26,12	58,45	7,38	0,33	3,92	1,86	1,94	100,00

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (SECEX).

especialização regional na exportação da fruta brasileira, com Santa Catarina abastecendo os mercados uruguaio e argentino e o Rio Grande do Norte enviando o produto para a Europa.

A crise econômica na Argentina propiciou que empresas sediadas em Santa Catarina recuperassem o mercado platino, alcançando níveis recordes, em 2002, nos volumes exportados e reduzindo acentuadamente os preços praticados no âmbito do MERCOSUL e do Chile. Informações de 2003 e 2004 indicam que a recuperação econômica da Argentina e a prática de preços menores está permitindo a reconquista do mercado pelo Equador.

Ao que tudo indica, 2004 poderá marcar

a predominância do modelo exportador baseado em multinacional sobre o modelo de “comércio de vizinhança”, com os países do MERCOSUL. Por um lado, a recuperação do mercado argentino pelo Equador tende a prosseguir, reduzindo novamente a participação brasileira. Por outro, o anúncio de investimentos da Del Monte, no Vale do Açu (RN), que incluem a expansão de mil hectares na área cultivada com banana irrigada e a construção de fábrica de embalagens (capacidade de 30 milhões de unidades por ano), somados a investimentos públicos de grande porte, como a construção do porto de PECÉM (CE), sustentam a previsão de supremacia das exportações nordestinas de banana (GOVERNO, 2004).

LITERATURA CITADA

FAO. **FAOSTAT**. Disponível em: <<http://www.fao.org/ag/guides/resource/data.htm>>. Acesso em: mar. 2004.

GONÇALVES, J. S.; PEREZ, L. H. ; SOUZA, S. A . M. Mercado internacional e produção de banana: a estrutura produtiva e comercial do complexo bananeiro mundial. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 41, t. 3, p. 161-188, 1994.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. Del Monte anuncia instalação de fábrica de embalagens. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/principal/noticias.asp?idnoticia=1978>>. Acesso em: mar. 2004.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO E INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. SECEX. **Balança Comercial Brasileira**. Rio de Janeiro, 1990-2003. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br>>. Acesso em: fev. 2004.

PEREZ, L. H. (2001b). **Banana**: exportações brasileiras, em 2001, são as maiores desde 1985. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=50>>. Acesso em: fev. 2004.

_____. Exportações brasileiras de banana: acentua-se a especialização regional. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 31, n. 8, p. 7-13, ago. 2001a.

_____. Exportações brasileiras de banana: situação e perspectivas. _____, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 39-45, abr. 1993.

_____. (2000). **Exportações brasileiras de banana**: a região sul assume hegemonia. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=576>>. Acesso em: fev. 2004.

SALGADO, E. Educação européia: carteira de pobre. **Veja**, São Paulo, n. 1754, 5 jun. 2002

SERVICIO DE INFORMACIÓN Y CENSO AGROPECUARIO DEL MINISTERIO DE AGRICULTURA Y GANADERÍA DEL ECUADOR - SICA. Disponível em: <<http://www.sica.gov.ec/>>. Acesso em: 9 fev. 2004.

**MUDANÇAS NA ESTRUTURA PRODUTORA E EXPORTADORA
DE BANANA NO BRASIL, 1990-2003**

RESUMO: Este trabalho aborda como o surgimento de pólos regionais de produção de banana em Santa Catarina e no Vale do Açu, Estado do Rio Grande do Norte, propiciaram a base para uma nova especialização na estrutura exportadora brasileira da fruta. O estado sulino assumiu a supremacia no abastecimento dos mercados argentino e uruguaio, enquanto o estado nordestino, pela liderança da empresa Del Monte, passou a abastecer a Europa. A análise do período 1990 a 2003 indicou, também, que o modelo de exportação apoiado em estrutura multinacional deverá ser o predominante sobre o tradicional “comércio de vizinhança” (MERCOSUL).

Palavras-chave: banana, exportações, MERCOSUL, multinacionais

**CHANGES IN THE BANANA PRODUCTION AND EXPORT
STRUCTURES IN BRAZIL, 1990-2003**

ABSTRACT: This work examines how the appearance of regional poles of banana production in the southern state of Santa Catarina and in the “Vale do Açu” region, in the northeastern state of Rio Grande do Norte provided the basis for a new specialization in the Brazilian exporter’s production structure. The southern state assumed the supremacy over the provisioning of the Argentinean and Uruguayan markets, whereas the northeastern state, through the leadership of the Del Monte company, started to supply Europe. The analysis of the 1990-2003 period also indicated that the export model leaning on in multinational structure should be predominating over the traditional “neighborhood” trade.

Key-words: banana, exports, South Cone, multinational.

Recebido em 31/03/2004. Liberado para publicação em 31/03/2004.